

Imigração Portuguesa: lembranças de terras distantes.

Tijuca e São Cristóvão como estudo de caso*

Portuguese Immigration: recollections of distant lands. Tijuca and São Cristóvão used as case studies

Lená Medeiros de Menezes

Professora Titular de História Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pró-cientista da instituição. Doutora em História Social pela USP, com pós-doutorado na PUC-SP. Mestre em História Social das Ideias pela UFF. Bolsista de Produtividade do CNPq e Cientista do Nosso Estado (2009)FAPERJ.

lenamenzes@hotmail.com

RESUMO:

Ao longo dos séculos XIX e XX, os portugueses constituíram a maioria esmagadora de imigrantes na cidade do Rio de Janeiro. Distribuídos por toda a cidade, dominaram determinados segmentos ocupacionais, com grande destaque para o comércio a varejo e para a comercialização de alimentos. Em certas áreas, constituíram poderosas redes, responsáveis por uma imigração continuada. Dentre esses “lugares” o artigo contempla, em destaque, os bairros da Tijuca (Grande Tijuca) e de São Cristóvão. Nestes, a presença portuguesa materializou-se de diferentes formas, destacando-se a construção de “casas” segundo a arquitetura dominante em determinadas regiões de Portugal e festas que se tornaram “lugares de memória”: locais de encontros sociais e de vivências culturais; presenças vivas da portugalidade recriada em terras cariocas. As fontes utilizadas foram variadas, destacando-se censos demográficos, registros iconográficos e testemunhos de comerciantes da região.

Palavras-chave: imigração portuguesa, história e memória; cidade do Rio de Janeiro.

SUMMARY:

In the course of the 19th and 20th centuries, the Portuguese comprised the vast majority of immigrants arriving in the city of Rio de Janeiro. They settle throughout the city and dominated certain trades and activities – with special emphasis on the retail trade and the sale of food. In certain areas, they developed into strong communities responsible for a continued inflow of immigrants. The article will focus on two of these many areas, namely the boroughs of Tijuca and São Cristóvão. The Portuguese presence assumed different aspects in these boroughs, including houses built according to the dominant architecture of specific Portuguese regions and celebrations intended as forms of remembrance, acting both as social gatherings and opportunities for cultural exchanges; living reminders of their Portuguese identity asserted in carioca lands. Several sources were used, with emphasis on demographic censuses, iconographic records and the testimony of shopkeepers from the studied areas.

Key words: portuguese immigration; history and memory; city of Rio de Janeiro.

* O artigo é um desdobramento da pesquisa desenvolvida com bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) e taxas de bancada do Programa Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas de Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Uivos de dó pelas
estradas,
Junto dos cais, nas
amuradas
Das naus distantes ...

Lá vão levados, mar sem
fundo,
Longe das noivas e dos
pais!...

Terras, Jesus! Nos fins do
mundo ...
Voltarão? Quando, mar
profundo?
(Finis Patrie, 1890:56)¹

Olhai, olhai, vão em
manadas
Os emigrantes ...

De forma crítica, dramática e extremamente pessimista, o poema traduz o dolorido ato da partida para aqueles que buscavam vencer o “mar profundo”, a caminho dos “fins do mundo”. A opção por partir, certamente, traduzia-se em uma explosão de emoções, não necessariamente marcadas pela tragédia. Nessa ebulição emotiva, passado e futuro travavam diálogo ímpar, com a dor, a saudade antecipada e a esperança escrevendo distanciamentos e aproximações. Para além de uma opção – pessoal ou familiar – emigrar era e permaneceu sendo fruto de determinadas circunstâncias, quase sempre um ato demonstrativo dos limites existentes no exercício da escolha entre o ir ou o ficar.

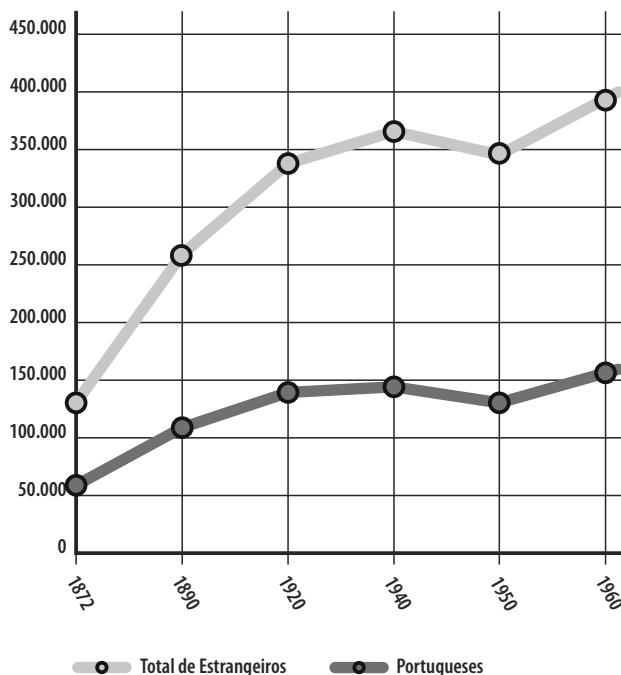
Dentre os milhares de portugueses que partiram para “longe das noivas e dos pais”, a maioria inquestionável dirigiu-se para o Brasil. Como disse Serrão, ao longo dos séculos XIX e XX, “emigração portuguesa foi sinônimo de emigração para o Brasil” (SERRÃO, 1997:41), mais precisamente, de emigração para a cidade do Rio de Janeiro, mitificada por aqueles que lá já estavam fixados e haviam conquistado melhoria em suas vidas². Alguns levavam consigo recursos para o reinício da vida em terra estrangeira. Muitos, porém, partiam unicamente com a esperança e a vontade de trabalhar. Destes, houve os que acumularam sucessos e, como “brasileiros” enriquecidos, contribuíram para o desenvolvimento de suas aldeias e povoados. Vários melhoraram de vida, conseguindo ascensão econômica e social ou, pelo menos, garantindo ascensão para seus descendentes de 2^a ou 3^a gerações³. Nesse processo, a abertura de negócio próprio, após anos de trabalho e poupança forçada⁴, ou em virtude de algum lance de sorte⁵, mostrou-se sempre horizonte de vitória.

Houve, porém, os que, literalmente, fracassaram, caindo na mendicância ou no crime. Suas trajetórias repousam nas páginas policiais, protagonizando alguns deles retornos

forçados à pátria de origem. Acrescente-se a estes os injustiçados, líderes operários que, acreditando poder tomar nas mãos a mudança, acabavam por cair nas malhas da repressão e acabavam, também, expulsos do país (Vd. MENEZES, 1996). Todos eles, porém, carregavam sonhos ao partir, bem como equipamento cultural capaz de possibilitar um olhar identitário sobre si, permanentemente reconstruído no contato com o “outro” em terra estrangeira.

A opção pela cidade do Rio de Janeiro como lugar de chegada pode ser explicada por múltiplos fatores, cujo detalhamento foge aos objetivos desse artigo. Dentre eles, porém, deve ser destacado o fato de a cidade ser a capital do país e dessa capitalidade torná-la porta de entrada em território brasileiro e um espaço aberto ao encontro com o outro e com a mudança. Por outro lado, é bem conhecido o processo pelo qual, priorizado um determinado lugar como local de chegada, os fluxos para lá direcionados tendem a ter continuidade, com a criação de redes de informação e de acolhida. Dessa forma, majoritária na cidade-capital, a imigração portuguesa acabou por determinar o próprio movimento migratório para a cidade, facilmente visualizado quando os números encontram visibilidade gráfica.

Gráfico 1 – Estrangeiros no Rio de Janeiro



Fonte: Brasil. Directoria Geral de Estatística, Censos de 1872, 1890 e 1920; Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE), Censos de 1940, 1950, 1960. Gráfico elaborado pela autora do artigo.

Essa presença impactante nos fluxos deslocados da Europa, com destaque para emigrados do norte de Portugal a partir de 1870, bem como a inclinação portuguesa

para o comércio, já por tantas vezes por nós analisada (MENEZES, 2008, 2009, 2010 e 2011), tornou o “português da esquina”⁶ presença obrigatória no espaço dos pequenos negócios urbanos, consolidando, assim, por intermédio de novos e continuados atores⁷, raízes coloniais. Como empregados ou donos de armazéns, quitandas, açougues, restaurantes, bares, botequins, padarias, alfaiatarias, carvoarias e outros, eles perpetuaram tradições da terra natal, reinventadas em terra estrangeira.

TABELA 1
Casas Comerciais, Fabris e Industriais
(Corte e Distrito Federal 1866)

NACIONALIDADE	NEGOCIANTES	CAIXEIROS
Brasileiros	980	1.117
Portugueses	3.960	6.413
Americanos	54	7
Ingleses	100	66
Franceses	383	190
Outros	236	141
Total	5.753	7.937

Fonte: Brasil. Relatório do Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 1866. Disponível em www.crl.edu/brazil. Nos números apresentados não estão incluídos os totais relativos à freguesia de Sant’Anna.

Transformados de colonos em imigrantes no pós-Independência, os portugueses podem ser incluídos na categoria de “estrangeiros conhecidos”, segundo categorização proposta por Duroselle (2000), graças à identidade linguística, às tradições culturais e ao peso que sempre tiveram na constituição da população brasileira. Dessa forma, o total de portugueses no cômputo geral dos estrangeiros fixados na cidade foi sempre visivelmente majoritário, alcançando percentuais nunca inferiores a 60%⁸, pelo menos no período compreendido entre 1850 e o fim da chamada Grande Imigração (1914) ou, ainda, no imediato pós-Segunda Guerra. Em 1950, por exemplo, os números censitários indicam a existência de 133.950 portugueses residentes, representando 63,64% dos estrangeiros fixados na cidade⁹.

Em uma perspectiva temporal de longa duração, é possível verificar que, concentrados, inicialmente, na zona central da cidade, os portugueses tenderam a acompanhar a expansão da malha urbana, à medida que as linhas – de bondes e de trens – avançaram nos eixos de expansão norte e sul da cidade, bem como na direção do subúrbio cada vez mais distante.

O espraiamento português na cidade do Rio de Janeiro atingiu não só a zona suburbana, como também as áreas rurais. Santa Cruz, Campo Grande e Jacarepaguá, por exemplo, onde sítios, chácaras e pastagens caracterizavam a paisagem, o que explica porque, até os dias de hoje, há uma expressiva presença de portugueses e descendentes de portugueses por toda essa

área, incluindo, ainda, áreas pesqueiras, como a Ilha do Governador e Guaratiba. Em Campo Grande, por exemplo, área de pequena ocupação no fim do século XIX, o recenseamento realizado em 31 de dezembro de 1890 contabilizou 226 portugueses, contra apenas 18 espanhóis e 17 italianos (81% do total geral). Em Guaratiba, eles eram 221 no total de 294 estrangeiros, representando, portanto, 75,17%.

TABELA 2
Estrangeiros Fixados na Área Urbana Segundo o Censo de 1920
(nacionalidades mais numerosas)

DISTRITO	PORTUGUESES	ITALIANOS	ESPAANHÓIS
Candelária, Santa Rita, Sacramento, São José, Santo Antonio e Santa Tereza	42.913	5.886	5.903
Sant'Anna, Gamboa, e Espírito Santo	36.4263	7.186	3.070
Glória, Lagoa e Gávea	21.818	1.187	2.426
Engenho Velho, Andaraí, Tijuca e São Cristóvão	19.872	1.697	1.712
Engenho Novo e Méier	8.546	833	717

Fonte: BRASIL. Arquivo Histórico do Itamarati. Directoria Geral de Estatística. Recenseamento Geral da População, em 1890. Tabela elaborada pela autora do artigo.

Por toda a cidade do Rio de Janeiro e áreas circunvizinhas, portanto, homens e mulheres, nascidos em diferentes regiões de Portugal, reimaginaram e recriaram identidades, da mesma forma que reviveram e consolidaram tradições: das referências culinárias às formas de vestir e construir, criando pontes materiais e simbólicas entre as duas margens do Atlântico¹⁰.

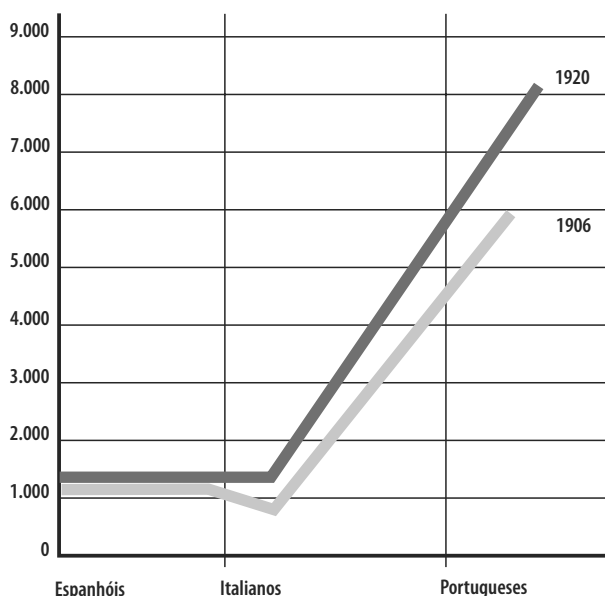
Dentre os bairros cariocas que, nos dias de hoje, possuem visibilidade dessa presença na cidade, incluem-se os bairros da Grande Tijuca (Estácio, Tijuca, Andaraí, Grajaú e Vila Isabel) e o bairro de São Cristóvão e adjacências como Benfica, que podem ser considerados bairros de marcas portuguesas. Para além de uma presença secular, deslocamentos efetuados em meados do Novecentos mantiveram visível a presença portuguesa, como história viva de múltiplas manifestações.

A área que, nos tempos imperiais, abrangia as paróquias do Engenho Velho e São Cristóvão, incluindo terras hoje pertencentes aos bairros destacados no artigo, conheceu, desde muito cedo, a presença de imigrantes estrangeiros. Para tanto, concorreram a proximidade com o centro urbano e a localização do Palácio Imperial. Considerado o Censo de 1872, por exemplo, a Paróquia do Engenho Velho registrava a presença de 2.630 portugueses, representando um percentual de 87,40% dos estrangeiros fixados na região, excluídos 712 “africanos escravos” e 519 “africanos livres”. No caso da paróquia de São Cristóvão, totalizavam 1.541 indivíduos (91,29%)¹¹.

Finda a fase da Grande Imigração (1890-1914), o censo de 1920, que já incorporava novos distritos urbanos, indicaria a presença de 19.872 portugueses fixados na área formada

pelos distritos do Engenho Velho, Tijuca e Andaraí. Com relação à São Cristóvão, a colônia lusitana atingia o total de 8.469 indivíduos¹².

Gráfico 2 – Estrangeiros no Distrito do Andaraí



Fonte: Brasil. Directoria Geral de Estatística, Censos de 1906 e 1920. Gráfico elaborado pela autora do artigo.

O crescimento observado na virada do Oitocentos, no contexto da Grande Imigração, para além da característica de uma imigração sustentada por aqueles que já estavam fixados na região, explicou-se por determinados fatores conjunturais. O principal deles foi o aumento na oferta de trabalho possibilitado pelo surto industrial (PITA, 2002 e IGLÉSIAS, 1986)¹³, que teve na região seu polo principal, beneficiada pelos cursos d'água que, do Maciço da Tijuca, corriam para a baía da Guanabara¹⁴.

Considerando-se que, no total dos 3.258 estabelecimentos industriais contabilizados pelo Censo Geral das Indústrias Brasileiras, 33% estavam localizados no Rio de Janeiro, com grande destaque para a área que hoje constitui a Tijuca, é fácil estabelecer relações entre atividade fabril e imigração. Ainda que a mão de obra estrangeira tendesse a ficar concentrada, principalmente, no espaço do comércio, vários depoimentos e autos de processo indicam que as fábricas da região utilizavam a mão de obra estrangeira, com presença destacada dos portugueses.

Várias construções, ainda existentes, são marcas dessa expansão industrial, na qual se destacavam as indústrias têxteis e de fumo. No primeiro caso, as Fábricas Confiança (1885); Bom Pastor (1911); a Cruzeiro; Covilhã; América Fabril nos dão bons exemplos. No caso do fumo, podem ser destacadas a Fábrica de Fumos do Borel e a Fábrica de Cigarros Souza

Cruz, fundada por um português, no ano de 1911. Segundo cálculos disponíveis, 60% da indústria têxtil da cidade, no início do século XX, estavam concentrados na região.

Ao remeter seu nome a seus fundadores ou a determinadas regiões de Portugal, algumas destas indústrias tornavam visível o empreendedorismo português no processo. Excelente exemplo pode ser dado pela Fábrica de Tecidos Covilhã, que ligou seu nome a fábrica de mesmo tipo situada na Serra da Estrela, conhecida por sua indústria de tecidos de lã¹⁵. Deve ser mencionada, ainda, a Fábrica de Tecidos Confiança, que ostentava o mesmo nome de importante fábrica situada na cidade de Braga, no Minho, cujo prédio é hoje considerado espaço da memória industrial daquela cidade.

Destacando-se como empresários na região, os portugueses podiam ser contabilizados, também, no contingente dos trabalhadores, dentre os quais, segundo denunciavam os jornais operários, encontrava-se uma parte majoritária constituída por mulheres e crianças¹⁶.

Depoimentos recolhidos em entrevistas realizadas com comerciantes da região mostra como a região foi palco de deslocamentos do trabalho na indústria para o comércio, abrindo a possibilidade, em alguns casos, da mudança da situação de empregado(a) para dono(a) de estabelecimento comercial¹⁷.

Um exemplo paradigmático pode ser dado por D. Maria do Rosário Cardoso dos Santos, natural de Manteigas, na Serra da Estrela, hoje com mais de 90 anos de idade, já mencionada por nós em outros trabalhos, devido à sua história exemplar de coragem para forjar seu futuro. Quando Maria do Rosário chegou ao Rio de Janeiro, no ano de 1954, empregou-se como operária na Fábrica de Tecidos Covilhã, acolhida por uma portuguesa que era supervisora na referida fábrica e que, segundo palavras de nossa entrevistada, “metia na fábrica todos que vinham de Manteigas”.

Como a história não é feita apenas de sucessos, mas, inclui, inevitavelmente, atividades de bastidores, alguns deslocamentos puderam, também, ser verificados em processos movidos contra indivíduos que se tornaram “indesejáveis”, comprovando a afirmação de Thompson de que as camadas populares deixam poucos registros de sua presença na história, sendo importante buscar indícios de sua existência nos arquivos policiais (THOMPSON, 1987). Esses processos, com destaque para os de expulsão, no caso dos estrangeiros¹⁸, permitem travar contato com a trajetória de portugueses que realizaram deslocamentos profissionais da indústria para o comércio. João Marques Melo foi um deles.

Nascido na vila da Figueira, região do Douro, João Melo, residente à rua Tobias Barreto, em Vila Isabel, tinha 27 anos de idade quando foi preso e processado, acusado de ser anarquista perigoso, adepto da violência como estratégia de ação. Segundo seu depoimento, logo que chegou de Portugal empregou-se em fábricas de tecido, deslocando-se, depois, para o ramo de padarias. Definindo-se como “revoltado”, participou da onda de explosões por dinamite nos idos de 1920, sendo responsabilizado pela colocação de bombas em padarias do Engenho de Dentro e Vila Isabel.

Seu processo destaca-se no conjunto formado pelos “dinamitadores de padarias”, por um atentado contra a casa nº 645, da rua Conde de Bonfim, justamente por ser esta a residência do gerente da Fábrica de Tecidos Minerva. Se esta era ou não uma vingança pessoal, João Melo não disse, afirmando, porém, que tomara a decisão ao saber que o referido gerente explorava seus empregados. Preso em flagrante, “com a bomba na mão” neste último atentado, foi expulso do Brasil no ano de 1920¹⁹.

É importante observar que as fábricas têxteis implantadas na cidade do Rio de Janeiro, no fim do Império e início da República, escolheram, preferencialmente, como lugar de fixação, vales situados no entorno da área central: atuais bairros da Gávea, Jardim Botânico, Laranjeiras e, destacadamente, Tijuca, Andaraí e Vila Isabel. Essa escolha é explicada pela presença dos cursos de água, à época mais caudalosos, importantes para as atividades de tintura e branqueamento de tecidos. Considerando-se os atuais bairros da Tijuca, Andaraí e Vila Isabel, por exemplo, podemos verificar que as fábricas foram instaladas às margens dos rios Maracanã, Trapicheiro e Joana, servindo de exemplo as fábricas de tecidos Confiança e América Fabril, estabelecidas às margens do Rio Joana, antigo Rio dos Morcegos, que deu origem ao nome Andaraí.

Junto ao desenvolvimento industrial caminhou a expansão do pequeno comércio, com grande importância para os bares e botequins, onde os operários tendiam a apagar o cansaço de cada dia de trabalho ou, mesmo, a fofegar suas mágoas. Temos registros de muitos(as) portugueses(as) que deixaram a ocupação nas fábricas para se tornarem empregados do comércio ou comerciantes. Nesse último caso, pontuamos, mais uma vez, que a sedução pela abertura de negócio próprio era realimentada, permanentemente, pelo exemplo dado por aqueles que se enriqueciam no comércio.

No caso das mulheres que passaram de operárias para donas de estabelecimentos, uma questão a mais se colocava: a dificuldade de trabalhar na fábrica quando eram mães e precisavam da disponibilidade de outra mulher para cuidar das crianças, tendo em vista sua condição de imigrante, apartada de seus familiares. Mais uma vez D. Maria do Rosário exemplifica o conjunto de mulheres que se tornaram empreendedoras em razão da necessidade de conciliar trabalho e maternidade.

Defrontando-se com o desafio de trabalhar e, ao mesmo tempo, cuidar dos filhos, Maria do Rosário passou a sonhar com a abertura de um bar, a partir do exemplo dado pela mãe em Portugal²⁰. O sonho tornou-se realidade no início do ano de 1960, quando tornou-se comerciante, passando a articular o trabalho no balcão, na cozinha e nas mesas com o cuidado com os filhos, protegidos no interior de um cercadinho, sujeitos a sua vigilância contínua.

Ao longo das décadas seguintes, permaneceu à frente do bar, transformando clientes em amigos e tornando-se referência no bairro, citada em jornais, livros e revistas. Ponto de encontro de sambistas e políticos da região, seu botequim torna-se, a cada carnaval, local de concentração de bloco do bairro.

A cozinha, logicamente, foi sempre o principal referencial, associada à recepção dada à clientela pela simpática senhora. Ainda que Maria do Rosário afirme que não gosta de cozinhar, o bar é responsável pelo oferecimento de iguarias portuguesas que se tornaram “comida de botequim” em terras cariocas, como os bolinhos ou pastéis de bacalhau, bolinhos ou croquetes de carne, além de pratos típicos como o cozido dos dias de feira e da feijoada adaptada ao feijão preto²¹. Em virtude do carisma da proprietária, o bar de sua propriedade tornou-se, simplesmente, o bar da D. Maria²². O vestido florido da proprietária, o *chopp* gelado e os petiscos, além do samba batucado nas mesas, compõem um cenário no qual toques de lusitanidade ajustam-se perfeitamente ao gosto carioca.

O exemplo citado é pontual, ainda que emblemático. Como exemplo individual que remete a processos coletivos, serve para ilustrar, assim, muitas outras trajetórias que demonstram as formas pelas quais a presença portuguesa enraizou-se na região, pontilhada por estabelecimentos administrados por portugueses(as). Dentre eles, o bar Varnhagen, que remete à pessoa de D. Natalina ou, como gosta de ser chamada, D. Maria, que oferece a seus clientes “Refeições Caseiras”, constituídas, conforme cita o cartão do estabelecimento, por “Bolinhos de Bacalhau, Croquetes de carne, Pastéis: Bacalhau/Camarão, Rabanadas e cerveja gelada [em letra minúscula]”.

Percorrer as principais ruas da Tijuca, Andaraí, Grajaú e Vila Isabel, com olhos de “querer ver”²³, significa, inevitavelmente, travar contato com a secular presença portuguesa. Esta, segundo os dados apresentados pelos censos de 1906 e 1920, praticamente, duplicou na região, em um espaço de apenas 14 anos. Para além das marcas humanas facilmente encontradas, deve ser dada atenção especial às marcas arquitetônicas dessa significativa presença, expressa não só na estética tradicional de bares e de armazéns, mas, também, na fachada de “casas” que representam regiões de procedência dos imigrados, afirmação material e simbólica de relações afetivas e identitárias com a terra natal.

Em uma área de apenas cerca de 1 km², a Tijuca possui sete “casas” portuguesas, criadas, em sua maioria, na década de 1950, podendo ser consideradas “lugares de memória”, segundo conceito cunhado por Nora e Le Goff (1984). Duas delas remetem a Portugal como um todo: a *Casa de Portugal* e o *Orpheão Português*. As restantes guardam relação com distintas regiões de Portugal continental ou insular, locais de saída dos e(i)migrantes que se deslocaram para o bairro. Essa distribuição abre espaço para uma discussão não contemplada nesse artigo: a questão do peso da região na lusitanidade criada no além-mar: *Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro*, *Casa do Porto*, *Casa dos Açores*, *Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria* e *Casa dos Poveiros e Póvoa do Varzim*²⁴.

A *Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro* está localizada à rua Meira Matos, onde, também, se situa a Casa dos Açores. A *Casa do Porto* localiza-se à rua Afonso Pena. A *Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria*, à rua Haddock Lobo e a *Casa dos Poveiros e Póvoa do Varzim*,

à rua do Bispo. Todas são marcas materiais de um Portugal vivo nas paisagens humana e cultural da região.



Fotos 1, 2 e 3 – Casa de Trás os Montes e Alto Douro, casa dos Poveiros e Póvoa do Varzim e Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria. Fotos da autora do artigo. Arquivo Pessoal.

Fato curioso relacionado à presença portuguesa na região da Tijuca tem a ver com o mundo do samba, demonstrando as trocas culturais e étnicas das quais os portugueses

foram protagonistas. Não só o bairro possui concentração de importantes agremiações de samba, vinculadas às comunidades do Borel, Formiga, Casa Branca e Salgueiro, quanto uma das escolas mais antigas do Rio: *Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca*, campeã dos carnavais de 1936, 2010 e 2012, tem, há tempos, um empresário português na presidência. O nome da Escola remete diretamente às suas origens, constituída pela união de blocos organizados nos diversos morros do bairro, que tornam a região um vale cercado pelas encostas do Maciço da Tijuca. Tanto no processo de povoamento das encostas desses morros quanto nos blocos que desfilavam a cada carnaval, houve a participação de trabalhadores portugueses das fábricas da região, consagrando as relações interculturais ocorridas em terras brasileiras.

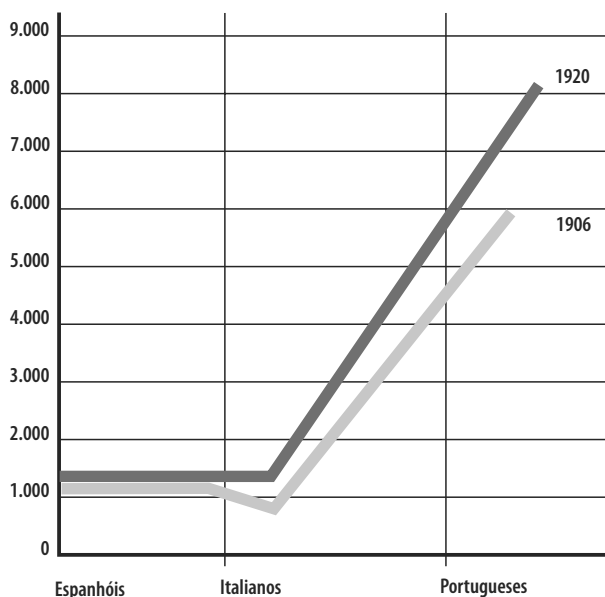
Outro bairro da Zona Norte destacado como referência da presença portuguesa é o bairro de São Cristóvão, com extensão para Benfica. Para além da área ter abrigado o Palácio Imperial, estabelecido em quinta de proprietário português, em cujas redondezas estabeleceram-se nobres e potentados da mesma nacionalidade, São Cristóvão evoca, nos dias de hoje, uma lusitanidade reinventada por aqueles que se deslocaram no pós-Segunda Guerra. Com relação à passagem do Oitocentos para o Novecentos, a região conheceu processo similar ao da área da Grande Tijuca, no que diz respeito ao desenvolvimento industrial, servindo de exemplo a Fábrica de Tecidos São João (à rua da Alegria) e a Fábrica de Tecidos Formosa (à Praia de São Cristóvão), além de estabelecimentos dedicados à produção de velas, vidros e outros. Por outro lado, verifica-se, também, o já citado processo de deslocamento entre indústria e comércio, analisado no caso da Tijuca, bem como deslocamentos espaciais que viriam possibilitar a consolidação de uma presença portuguesa de grande visibilidade, tornando a região depositária de antigas e novas tradições.

Um desses processos relaciona-se ao mundo dos esportes, com a criação do “Club de Regatas Vasco da Gama”, nos idos de 1898; o outro, à fundação do “Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara” (CADEG), responsável pelo afluxo de comerciantes ao local, consolidando, nos anos 1960, tendências anteriormente verificadas. Ambos os processos ganham importância, à medida que verificamos que seu alcance coloca-se para muito além da memória do bairro, para emergirem como importantes registros da presença portuguesa na cidade.

A história do Vasco da Gama não se iniciou no bairro de São Cristóvão, mas no da Saúde. Desde 1926, porém, o bairro é sede do futebol vascaíno; espaço de memória de importantes eventos esportivos e políticos, com destaque para comemorações do 1º de Maio. O clube foi fundado, em 1898, como clube de regatas, esporte popular em uma época na qual o futebol ainda não invadira as terras brasileiras. O nome, certamente, remetia à história de Portugal, motivado pela lembrança do 4º Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para as Índias (1498). Seus fundadores foram 62 remadores, em sua maioria, comerciantes portugueses que se dedicavam ao esporte. A chegada do futebol ao Brasil levou o clube a

assumir nova orientação, mas as raízes portuguesas permaneceriam visíveis no nome, nos símbolos e na torcida. A adoção do novo esporte, por outro lado, consagraria a vocação popular do clube, visto este ter assumido a dianteira no processo de transformação de um esporte das elites em um esporte popular, sendo importante lembrar, inclusive, que o clube foi o primeiro a aceitar negros no time. Quem sabe, fato explicado, em parte, pela vocação da colônia portuguesa fixada na cidade para as relações interétnicas?

Gráfico 3 – Estrangeiros em São Cristóvão



Fonte: Brasil. Arquivo Histórico do Itamarati. Directoria Geral de Estatística, Censos de 1872, 1890 e 1920; Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE), Censos de 1940, 1950, 1960. Gráfico elaborado pela autora do artigo.

Com relação ao “Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara” (CADEG), hoje Centro de Distribuição de Alimentos da Cidade do Rio de Janeiro, sua criação deveu-se, também, a determinados deslocamentos espaciais. Nesse caso específico, a derrubada do mercado da Praça XV e a transferência dos comerciantes, grande parte dos quais portugueses, para Benfica. Essa concentração criou condições para que emigrantes deslocados nos anos 1960 procurassem a região, em virtude do processo já analisado dos que chegavam buscarem locais onde já estavam estabelecidos familiares e amigos (cadeias migratórias)²⁵.

Esses processos de deslocamento possibilitaram que a presença portuguesa na região ganhasse nova e intensa visibilidade. Foi assim que a secular presença portuguesa na comercialização de alimentos passou a ter no CADEG uma possibilidade de extensão em sua duração. Junto ao mercado distribuidor, que abre diariamente às 4 horas da madrugada, no

qual a maioria incontestemente dos comerciantes é constituída por portugueses, proliferaram bares e restaurantes que oferecem a seus clientes não apenas um “bom bacalhau”, como, também, sardinhas, embutidos, queijos, vinhos e outros produtos obrigatórios na mesa portuguesa.

Há os que defendam a tese, a nosso ver simplista, de que a presença portuguesa nesse nicho de mercado é tão somente herança do monopólio dos tempos coloniais, quando o exclusivo comercial impedia a participação de outras nacionalidades no comércio com a colônia. Deve-se levar em consideração, porém, que a história não é feita apenas de continuidades e vários são os fatores de descontinuidade que se apresentam nesse processo, pois não só mudou a lógica da dinâmica comercial como mudaram os próprios atores. Ou seja, o colono dos séculos XVI, XVII e XVIII não é o imigrante dos séculos XIX e XX, ainda que as migrações continuadas tenham consagrado o comércio de distribuição e venda de alimentos como nicho português, o que explica, inclusive, porque os portugueses colocaram-se na vanguarda da criação de mercearias e supermercados na cidade, por tantos séculos capital²⁶. Essa presença, entretanto, mantidas as tendências de imigração na cidade, tende a desaparecer, devido ao estancamento dos fluxos orientados de Portugal.

Em termos das tradições portuguesas na área, algumas podem ser definidas como “tradições inventadas” (HOBSBAWN, 1984). É o caso da “festa portuguesa” que se realiza, a cada sábado, no CADEG, no *Cantinho das Concertinas*. Caracterizada, inicialmente como simples espaço de encontro, a festa nasceu da conjugação entre comida, bebida, música e dança.

Observe-se que, em países de imigração portuguesa, as festas são relativamente comuns. Na França, por exemplo, considerando-se a região de maior concentração dessa nacionalidade: Clermont-Ferrand, as “festas portuguesas” são comemorações anuais, não necessariamente realizadas em um mesmo espaço. No caso da festa no CADEG, ela acontece a cada sábado, após o fechamento dos negócios, fazendo parte do planejamento de lazer semanal tanto para os patrícios quanto para aqueles que procuram tradições e produtos da “terrinha”. Torna-se, assim, ponto de encontro identitário, em um espaço circunscrito e demarcado, no qual a bandeira portuguesa dá o tom maior da lusitanidade.

Os dois “bairros de memória” aqui destacados representam a ponta de um novelo. Muitos outros bairros guardam, também, a memória da imigração portuguesa, em seus bares, restaurantes e festas, aguardando apenas por serem lembrados. Os bairros de Fátima e de Vista Alegre, por exemplo, trazem, em seu próprio nome, marcas portuguesas. O último deles, inclusive, é o único bairro do subúrbio a possuir, também, um clube português. A eles se associam, como depositários da cultura lusitana em terras brasileiras, bairros como Campo Grande, Inhaúma, Irajá e tantos outros.

Não é demais lembrar que a história da imigração portuguesa no Rio de Janeiro, durante muito tempo, foi uma história perdida em uma invisibilidade que temos caracterizado como fruto da “naturalização de uma presença”. Afinal, o “português ou a portuguesa da esquina”

eram presença inquestionável e, por isso, de pouco interesse analítico, com este voltando-se, principalmente, para estrangeiros mais “desconhecidos” (Duroselle, 2000).

Com idades avançadas, chegados à cidade do Rio de Janeiro no pós-Segunda Guerra, alguns imigrantes portugueses, com destaque para viúvas, vem possibilitando, com suas falas, adentrar em muitas “zonas de sombra” dos processos vividos no “cá” e no “lá”, nos últimos 70, 80 ou 90 anos, sobretudo naqueles relativos aos deslocamentos realizados no mundo do trabalho e ao trabalho da mulher, raras vezes contemplado na história da imigração e, menos, ainda, na história da imigração portuguesa na cidade.

Mulheres e homens anônimos, com trajetórias marcadas por deslocamentos múltiplos, pelo trabalho e pelo lazer cotidiano e pela tenacidade em vencer, marcaram o passado e continuam a marcar o presente da cidade, tornando-se parte da história vivida nos bairros cariocas. Eles justificam o ato de ampliar e aprofundar nosso olhar quando circulamos pela cidade. Esse novo olhar possibilita, por exemplo, descobrir bares e restaurantes administrados por portugueses(as), onde são oferecidos bolinhos de bacalhau acompanhados de *chopp*, tão ao gosto do carioca; registro das trocas culturais ocorridas no espaço da cidade. Perfeitamente adaptados à vida carioca, portugueses e portuguesas não traem suas raízes. Estas estão presentes no sotaque carregado, nos hábitos alimentares, nos gostos no vestir e na religiosidade expressa na presença de tantas imagens de Nossa Senhora nos estabelecimentos comerciais e no interior dos lares.

À medida que o tempo passa, mais bares e pequenos restaurantes existentes nos bairros do Rio de Janeiro, anteriormente pertencentes a portugueses, vão sendo transferidos de mão, vendidos, principalmente, a migrantes deslocados do nordeste do país. Estes tendem a seguir trajetos muito semelhantes aos dos portugueses: de ajudante de comércio a sócio e patrão. Mais um momento de trocas culturais e reinvenção de tradições na cidade, com itens da cozinha nordestina (aipim, carne seca e carne-de-sol) colocando-se ao lado de tradicionais petiscos portugueses, caracterizados como “comida de botequim”.

Registrar uma história de longa duração que rapidamente se transforma é não só necessário como urgente, de forma a não deixar morrer a memória de tempos marcados, no cotidiano dos bairros, pelos sons, cores, cheiros e sabores de uma cidade escolhida como lugar de chegada, para milhares de portugueses que ousaram atravessar o oceano em busca de uma vida melhor.

Notas

1 - *Finis Patrie* (1890), 6ª ed., p. 56. Apud: Joel Serrão. *A emigração portuguesa, sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972, p. 27-8.

2 - Observe-se que, nas cartas trocadas, projetavam-se aquelas escritas por imigrantes que haviam melhorado de vida. No caso dos que fracassavam, o peso das narrativas era menor, visto duas tendências se interporem. Por um lado, muitos mentiam sobre as reais condições em que se encontravam. Por outro, rompiam os laços com familiares e amigos.

3 - É interessante destacar que muitos imigrantes investiram na educação dos filhos e isto é facilmente observado quando depoentes falam com orgulho de filhos e netos que se formaram. Por outro lado, também é verdade que esse mesmo investimento acaba por afastá-los dos negócios dos pais.

4 - Pesquisas realizadas por Paula Leitão Cypriano, minha orientanda de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da UERJ, comprovou que era possível, após cerca de 15 ou 20 anos de trabalho como caixeiro, que o imigrante abrisse seu próprio negócio. Cf. MENEZES e CYPRIANO, 2008.

5 - A referência é aos caixeiros que herdavam negócios de um patrão que retornava ou que, casando-se com a filha do proprietário, terminavam transformados em sócios do antigo patrão.

6 - Expressão criada por mim com base em conceito criado por Núncia Constantino com relação aos italianos. Cf. CONSTANTINO, 2008.

7 - A referência baseia-se na distinção que deve ser feita entre o colono e o imigrante do pós-Independência, destacando-se, para o segundo período, o fluxo de populações deslocadas do norte e interior de Portugal, graças ao avanço dos transportes na segunda metade do século XIX.

8 - Em determinadas conjunturas, os números relativos à imigração portuguesa nos distritos centrais de Sacramento e Sant'Anna chegaram a alcançar 87,75% em 1890. BRASIL. Arquivo Histórico do Itamarati. Directoria Geral de Estatística, Censo de 1890. Sobre o espriamento português pela cidade, ver, também, MENEZES, 2007.

9 - BRASIL. Arquivo Histórico do Itamarati. Directoria Geral de Estatística, Censo de 1890.

10 - Sobre o espriamento português pela cidade, ver, também, MENEZES, 2007.

11 - BRASIL. Arquivo Histórico do Itamarati. *Directoria Geral de Estatística*, Recenseamento de 1872. Divisão da população estrangeira pelas paróquias do Rio de Janeiro (VI).

12 - BRASIL. Arquivo Histórico do Itamarati. *Directoria Geral de Estatística*, Recenseamento realizado em 1º de setembro de 1920. População estrangeira segundo a nacionalidade – área urbana: Portugal.

13 - A partir da década de 1880, houve expressivo crescimento no número de fábricas no Brasil. De 9, em 1866, passaram a ser 45, em 1885. Destas, 11 estavam situadas no Rio de Janeiro, que possuía a maior concentração operária e fabril do país.

14 - Desde a instalação da família real na Quinta de São Cristóvão (pertencente a um português), o caminho para São Cristóvão, que passava pela região alagada dos Mangais de São Diogo – criadora de mosquitos - mereceu preocupação do governo. A partir dos anos 1830, toda uma intervenção, em termos de drenagem da região, foi desenvolvida, culminando por volta de 1870. A partir de 1857, nesse processo, teve início a construção do Canal do Mangue, no qual passaram a desaguar vários dos rios que por ali corriam. Essa intervenção possibilitou o incremento do povoamento de toda a região.

15 - Observe-se que a Fábrica Covilhã, situada à rua Garibaldi, na Tijuca, também ficou conhecida por produzir excelentes tecidos de lã.

16 - Segundo o jornal *A Voz do Trabalhador*, a Fábrica Cruzeiro, no Andaraí, empregava mais de 1.000 operários. Destes, a maioria estava constituída por mulheres e crianças. Cf. exemplar datado de 22/11/1908.

17 - Dados recolhidos em entrevista realizada em 1º de agosto de 2003. Uma trajetória mais completa de D. Maria do Rosário está publicada em artigo de nossa autoria intitulado "Imigração e Comércio: Silêncios sobre a mulher" (In: SARGES, 2010: 187-193).

18 - Sobre expulsão de estrangeiros, ver, da autora, *Os Indesejáveis* (1996).

19 - BRASIL. Arquivo Nacional. SPJ, Módulo 101, Processos de Expulsão, pacotilha IJJ7 163.

20 - Observe-se que a administração das tabernas nas aldeias portuguesas tornou-se atribuição feminina, em razão dos deslocamentos masculinos.

21 - Ainda que não queiramos analisar a origem da feijoada ou das discussões que pautam a análise dessa origem, deve ser pontuado que existem raízes portuguesas do prato, ainda que não vinculadas ao feijão preto.

22 - "O Bar da dona Maria é uma referência do samba carioca. E por isso mesmo acabou se tornando uma síntese do que é ser Tijucano. A alma do pequeno estabelecimento é tangível. A alegria sábia no rosto da senhora portuguesa, que comanda tudo de trás do balcão, convence o frequentador de que ele está realmente numa embaixada segura de sua casa, requisito primaz de um bom boteco" (PCRJ, 2000). Sobre imigração portuguesa no pós-Segunda Guerra, ver Lobo (2001).

23 - A apropriação dessa possibilidade de análise é uma homenagem a Leila Medeiros de Menezes, especialista em leitura e alfabetização, que tem magníficos trabalhos sobre alfabetização do olhar.

24 - As Casas de Trás-os Montes e Alto Douro e dos Açores localizam-se à rua Meira Matos; a Casa do Porto, à rua Afonso Pena, a casa da Vila da Feira e Terras de Santa Cruz à rua Haddock Lobo e a Casa dos Poveiros e Póvoa do Varzim à rua do Bispo.

25 - O termo começou a circular na década de 1960, criado por pesquisadores australianos, sofrendo, a partir de então, importantes alterações de sentido. O uso do termo toma por base a conceituação de Baily, segundo a qual as cadeias migratórias são formadas a partir de contatos pessoais, rede de comunicação e favores, envolvendo famílias, amigos e conterrâneos,

tanto nas sociedade de partida quanto nas de acolhida, atuando, assim, na opção pela emigração, na escolha do destino, na obtenção de trabalho e nas redes de sociabilidade. Cf. Samuel Baily. *Immigrants in the Lands of Promise: Italians in Buenos Aires and New York City, 1870-1914* (1998). Cornell University Press.

26 - Este, porém, é um processo que, pouco a pouco, modifica-se visivelmente, tendo em vista que os imigrantes de primeira geração são aqueles deslocados no pós-Segunda Guerra (décadas de 1950 e 1960).

Referências Bibliográficas

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade, 1990 (Biblioteca Carioca).

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O Italiano da esquina: imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense*. 2ª Ed. Porto Alegre: EST, 2008.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Teoria das Relações Internacionais [Trad. Ane Lize Spaltenberg de S. Magalhães]. Brasília/São Paulo: UNB/Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Nova Clío, A História e seus problemas, 38).

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*, v. 1. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

FREITAS FILHO, Almir Pita. A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. IN: Carlos Lessa. (org.). *Os Lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 163-197.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. [Trad.]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Coleção Pensamento Crítico, 5).

IGLÉSIAS, F. *A industrialização brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Tudo é História).

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

MENDES, José Sacchetta Ramos. *Laços de sangue*. Privilégios e Intolerância à Imigração Portuguesa no Brasil. Porto: Fronteira do Caos/CEPESE, 2010.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: Desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

------. "A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida". In: . SOUSA, Fernando e MARTINS, Ismênia de Lima (org.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto/Rio de Janeiro: CEPESE/FAPERJ, 2007. pp. 86-105.

------. "Imigração e comércio: silêncios sobre a mulher". In: SARGES, Maria de Nazaré; SOUZA, Fernando; MATOS, Maria Izilda (org.). *Entre-Mares – O Brasil dos Portugueses*. Belém-Pará: Paka-Tatu, 2010. p. 186-194.

------. "A imigração europeia como passaporte para o progresso e a civilização no Brasil do século XIX". In: CANCINO, Hugo y MORA, Rogelio de la (coord.). *Ideas, intelectuales y paradigmas en América Latina (1850-2000)*. VeraCruz/México: Universidad Veracruzana Lomas del Estadio, 2007, p. 396-414.

----- e CYPRIANO, Paula Leitão. "Imigração e negócios: comerciantes portugueses segundo os registros do Tribunal do Comércio da Capital do Império (1851-1870)". In: MATOS, Maria Izilda, SOUSA, Fernando e HECKER, Alexandre (org.). *Deslocamentos & Trajetórias: os Portugueses*. São Paulo: EDUSC, 2008. pp. 103-118.

------. Nas trilhas do progresso: Pereira Passos e as posturas municipais (RJ, 1902-1906). IN: SOLLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda S. *A cidade em debate – Belém, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Uberlândia, Curitiba, Portio Alegre*. São Paulo: Olho d'água, 1999, p. 109- 127.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

ROEDEL, Hiran. Uma cidade de muitos lugares. IN: VIEIRA, Fernando e ROEDEL, Hiran (orgs.). *Rio de Janeiro: panorama sociocultural*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004, p. 19-56.

SENDAS, Márcia Maria. *Meu avô, comendador Manuel Antonio Sendas*. Origens da família Sendas no Brasil. Rio de Janeiro: Four Print, 1994.

SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa*. Sondagem histórica. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

THOMPSON, E. T. *A formação da classe operária inglesa*: I. a árvore da liberdade. [Trad.]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (Oficinas da História, 5).

Enviado em 19/03/2012

